

## ARTES

# artes plásticas

## NATUREZA DOMESTICADA

ROCHA DE SOUSA

«Na cidade, a natureza manifesta-se em parques, jardins, caixas de cimento com plantas, em árvores que nascem de orifícios nos passeios, em relvados e recreações de jardins dentro de edifícios públicos»

«Hoje em dia, continuamos a associar jardins a paraíso e à ideia de recuperação de um ideal perdido. Nos parques da cidade, jardins, e plantas de casa, os elementos naturais são manipulados de tal maneira que o produto final é uma *natureza artificial*».

«Quando nos são impostas restrições, muitas vezes nós próprios limitamos o nosso contacto com a natureza: quantas vezes passamos de carro por paisagens maravilhosas e nem sequer saímos para o ar livre? A necessidade de contacto com a natureza é somente visual?»  
Catarina Leitão

**A**o abordarmos alguns fragmentos do texto de Catarina Leitão em que ela procura o fio justo das suas motivações poéticas, dos elementos instalados no Centro de Arte Moderna, em Lisboa, deparamo-nos com a sua própria domesticação das matérias e materiais de que se serve para reconstruir o espaço, para rever a presumível inutilidade de uma paisagem ou o seu transplante miniatural para outro lugar, outra escala, na metamorfose sintética da flora em presenças simultaneamente úteis e ornamentais.

Já o texto de Leonor Nazaré, também impresso no catálogo, e sem contar com a justeza da apresentação de Jorge Molder, dedica grande parte da sua reflexão à paisagem, à natureza e aos lugares, em demorados olhares sobre um mundo do qual retiramos grande parte das nossas emoções e dos nossos posteriores fabricos. «É do olhar que se trata, quando a natureza a avaliar é um espaço onde o Homem não tocou.» O lugar projecta as imagens e fantasias sobre a flexibilidade do nosso olhar, determina em parte o nosso ponto de vista. «Chegados a este fim estamos provavelmente dispostos a vacilar perante a proposta de pensar numa natureza natural por oposição a uma natureza domesticada.» 1 E assim, na deriva dos olhares e dos sonhos, entre o que sabemos e o que somos forçados a inventar na descodificação do visível, atravessamos espaços urbanos onde aquilo a que Leonor chama paisagem pode transbordar de varandas musgosas e encher-se de pó no alinhamento das avenidas. «A domesticação do céu consiste em atribuir-lhe uma finitude, em tornar a sua escala inverosímil, dominável com as mãos e o corpo. Com ela se constrói o medo de que o céu nos espreite ou se desfaça a ilusão de que nos protege». Leonor Nazaré interroga-se então, porventura pensando no mundo de Catarina, recolhido em feltros, se aquele céu, ciclorama de todas as paisagens, nos espreita, atento à realidade planetária que pode poluir, ser poluído ele-mesmo, perfurado à medida que se perdem os lugares anteriormente reservados. Sabemos que o céu nos agride, respeitamo-lo por isso e por tudo o que nele nos transcende, mas também perguntamos, através da floresta e do cimen-

to, se ele conserva algumas funções protectoras. «O céu protege?»

Este longo apelo à paisagem, a propósito do *recolhido* trabalho de Catarina Leitão, ocupa as interrogações de Leonor Nazaré, quer se acolha à *agressão ecológica* de Alain Roger, quer evoque o *jardim* de Thoreau. É só então que chega à cidade e ao cidadão «cercado pelas suas próprias representações da natureza» Escreve: «Caixas de cimento com plantas, árvores que nascem de orifícios nos passeios, vasos, jarras, parapeitos». E a autora, Catarina Leitão, mostra-se, por seu lado, capaz de atingir lugares mais estreitos, vasilhame, ferramentas, utilidades várias, «um mundo caseiro de objectos que prolifera nas instalações e nos desenhos.» O medo parece subjacente a estas palavras, um medo de regresso à casa como «natureza artificial» na perda da verdadeira paisagem. Leonor perturba-se, em ordem a Catarina e ao seu superior artesanato de coisas ao mesmo tempo úteis e inúteis, comenta a escala do normal à miniatura, pensa o acessório, é nisso que as árvores das avenidas apertadas se transformam, restos de uma flora que nunca mais nos devolve o paraíso, a paisagem no seu tamanho verdadeiro. Para nos escondermos aí, sabendo os perigos da *globalização*, recorremos ao tecido do fato camuflado, uma roupa que nos mistura com a vegetação, que nos permite enganar o céu e a floresta, a desconstrução eventual do medo. «O camuflado é um tecido liso que imita vegetação e elevações de terra.» 1

### AS COISAS E O PROJECTO

Catarina, mais serena e menos enovelada, diz assim: «Este projecto explora a relação com a natureza das pessoas que vivem em meios urbanos. A natureza na cidade torna-se um bem de consumo». E pouco depois: «As peças *natureza artificial / mobília*, nesta instalação, são



fantasias que investigam a relação entre os nossos impulsos consumistas, a necessidade de conforto físico e a necessidade de estar perto da natureza». 2 Assim, sem mais. Ao sabor do fazer e das várias fruições por cada arrumado das *compras*, da *mesa*, do *Jardim Privado*, da *Selva Confortável*.

Em a *Floresta Imaculada*, de 2002, Catarina parece propor-nos tanto um ponto de partida para o interior da instalação/exposição como um ponto de chegada em que a síntese dos materiais aparece alinhada em fragmentos semelhantes a troncos de árvores, mais ou menos rectilíneos, nos quais se prendem os enxertos de plantas não identificadas, e sempre numa matéria baça, pouco moldável, porosa e espessa – invariavelmente feltro, alcatifa, esferovite, tinta acrílica. A manipulação destas matérias, dos primeiros materiais, é assim ilustrada nessa coleção de aparentes amostras do processo, do projecto, em breve expostas na *Selva Confortável*, por exemplo, onde a complexidade técnica já carrega curiosos efeitos especiais num *frondoso* conjunto de «hastes» ascendentes ou «lianas» descendentes, suspensão em estrutura paralela e apoios diversificados num chão verde, emaranhado dessas formas longas e cilíndricas, folhas largas, restos sépia, uma sombra opacificada no interior da base – sombras projectadas na horizontal, lugar igualmente de chegada e de partida, contornável como escultura, pictórico na sua paleta de valores sucintos. Então, olhando em volta, compreendemos que o nosso percurso está marcado, com lógica, por uma instalação feita de instalações idênticas na escala, bosque, evocações objectuais, pequenos cenários ou pequenas paisagens, arranjos domésticos, ilhas às quais apetece aportar, espe-

lhos ou acessórios tridimensionais onde repousa em negligência roupa de alguém, detalhes de suspeita forma antropomórfica ou bengaleiro expedito de quatro faces.

O projecto de que se fala nos textos introdutórios, é afinal mais do que uma paisagem – ou talvez o seja também, mas a paisagem que transportamos para casa, aos bocados, e construímos como uma série de presépios, de excertos memoriais da floresta, de objectos onde nos sentamos e comemos, coisas alinhadas para uma exemplificação ou para uma escolha, da *Mesa* ao *Jardim Privado*, da ausência que exprime a *Ida ao Campo* ao desenho que representa um saco cheio de fragmentos da oficina de Catarina, do chão onde pousam coisas várias, *Compras*, o saco há pouco referido graficamente, outros recipientes semelhantes, tecido azul, talvez uma boina, sugestões de vegetais frescos despontando numa bolsa segundo o estereótipo dos super-mercados, a par do *Shopping* de agora, 2002, e assim por diante, na descoberta e na

espera.

Os desenhos aguarelados que aparecem alinhados na parede, à direita de quem entra, são representações (talvez projectuais) de quase tudo o que, a breve trecho, veremos desabrochar em estranhos conjuntos simultaneamente cenográficos, escultóricos, diferentes na semelhança dos tons e de alguns recortes, um mundo do nosso mundo doméstico e do qual temos por vezes o privilégio de espreitar pela janela, paisagem sonhada ou jardim privado, esses lugares observados em *picado*, o robe pendurado, o banco de praia, a toalha verde, o chão de relva em tapeçaria, os sapatos frouxos e as meias igualmente verdes, num jogo *daltónico* a que nos sujeitamos, donde em onde, para garantir a coerência de um discurso, o projecto de um dia, a obra que borbulha (insistente) na nossa cabeça.

Podíamos viajar de muitas maneiras por esta instalação e pela própria obra curricular de Catarina Leitão. Aqui lemos extratos de Leonor Nazaré e da própria autora, espreitando a visão de Jorge Molder. O apelo é constante, diga-se a verdade, mesmo aquele que nos acomete quando nos confrontamos, na memória inquietante do fato camuflado, com um fabuloso *Colchão Portátil*. 3 Acontece, com efeito, como vem precisar Jorge Molder: o valor formal das presenças, autónomo, de uma reflexão articulada, «revela-se, por outro lado, maximamente desencadeador de uma atenção muito particular: desperta um sentimento de proximidade», talvez de familiaridade, «com algo que descobrimos também ser distante. Essa distância variável é seguramente fascinante.»

CENTRO DE ARTE MODERNA, até 30 de Setembro

1. Com base no texto de Leonor Nazaré, «De Natura», in catálogo
2. Texto de Catarina Leitão, «Natureza Domesticada», in catálogo
3. Referência ao prefácio de Jorge Molder

